



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Isabel Cristina Miranda Gonçalves

**Autoeficácia nos papéis de carreira e  
Exploração vocacional de jovens que  
vivem em Lares de Infância e Juventude**

Junho 2013



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Isabel Cristina Miranda Gonçalves

**Autoeficácia nos papéis de carreira e  
Exploração vocacional de jovens que  
vivem em Lares de Infância e Juventude**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia  
Área de especialização em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho efetuado sob orientação da  
**Doutora Ana Daniela dos Santos Cruzinha Soares da Silva**

Junho 2013

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Isabel Cristina Miranda Gonçalves

**Endereço eletrónico:** isagon89@hotmail.com

**Número do cartão de cidadão:** 135763304

**Título da tese de mestrado:** Autoeficácia nos papéis de carreira e Exploração vocacional de jovens que vivem em Lares de Infância e Juventude

**Orientador:** Ana Daniela dos Santos Cruzinha Soares da Silva

**Ano de conclusão:** 2013

**Designação do mestrado:** Mestrado Integrado em Psicologia – Área de Especialização em Psicologia Escolar e da Educação

**É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.**

Universidade do Minho, 14 de junho de 2013

Assinatura:

---

## Índice

	<b>Página</b>
I. Introdução.....	6
II. Método.....	11
2.1 Participantes.....	11
2.2 Instrumentos de Medida.....	12
2.3 Procedimentos.....	14
3. Resultados.....	14
3.1 Análise da Autoeficácia e da Exploração vocacional.....	14
3.2 Análise da relação entre a Autoeficácia e a Exploração vocacional.....	17
3.3 Análise do efeito do contexto na Autoeficácia e Exploração vocacional...	18
III. Discussão e conclusões.....	20
Referências.....	24

## Índice de tabelas

Tabela 1: Caracterização da amostra.....	11
Tabela 2: Dimensões da Exploração vocacional.....	13
Tabela 3: Medidas descritivas da Autoeficácia nos papéis de carreira e resultados do teste <i>T-student</i> para amostras independentes.....	15
Tabela 4: Medidas descritivas da Exploração vocacional e resultados do teste <i>T-student</i> para amostras independentes.....	16
Tabela 5: Coeficientes de correlação de <i>Pearson</i> entre as subescalas do ICARPC e do CES.....	17
Tabela 6: CES: médias e desvios-padrão em função do contexto de vida.....	19
Tabela 7: ICARPC: médias e desvios-padrão em função do contexto de vida.....	20

## **Agradecimentos**

Terminada esta etapa gostaria de expressar a minha gratidão sincera a um conjunto de pessoas especiais que permitiram que a realização deste trabalho se tornasse possível.

À minha orientadora, Doutora Ana Daniela Silva, pela disponibilidade e mestria com que sempre me orientou e com quem muito aprendi. À professora Maria do Céu Taveira, pelas sugestões tão sábias e experientes.

Às minhas colegas de mestrado Sónia, Ana e Verónica, companheiras de percurso, pela partilha de inquietações e preocupações ao longo desta caminhada. E às colegas de doutoramento pelo encorajamento e partilha de conhecimentos nos seminários, especialmente à Íris Oliveira pela ajuda nas análises estatísticas.

À Patrícia pelo acolhimento e momentos de convívio e descontração passados ao final do dia nos últimos 2 anos. À Diana, à Guida, à Elda, à Nathaly e ao Nuno. A amizade amparou o esforço que empreendi neste trabalho.

Aos jovens que tão esforçadamente acederam a responder aos protocolos de avaliação e assim tornar possível a recolha de dados.

Finalmente, àqueles a quem dedico esta tese: ao meu pai e à minha mãe, pelo trabalho árduo e pelo esforço diligente que sempre investiram na minha formação. À minha irmã Sofia, à cumplicidade, que apesar de longe me estimulou, e à Andreia. Ao meu avô António e ao orgulho que sentiria, caso pudesse ver esta etapa cumprida.

Autoeficácia nos papéis de carreira e Exploração Vocacional em Jovens que vivem em  
Lares de Infância e Juventude

**Resumo:** Analisou-se o desenvolvimento de carreira de jovens institucionalizados em Lares de Infância e Juventude relativamente às dimensões da Exploração vocacional e da Autoeficácia nos papéis de carreira. Os participantes foram 136 jovens ( $M_{idade} = 16.20$ ,  $DP = 2.19$ ) que foram comparados com uma amostra de 184 jovens que vivem com as famílias ( $M_{idade} = 16.72$ ,  $DP = 2.13$ ). A Exploração vocacional foi avaliada através do *Inventário de Exploração Vocacional* (CES; Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983, versão adaptada por Taveira, 1997) e a Autoeficácia de carreira através do *Inventário de Crenças de Autoeficácia Relativamente aos Papéis de Carreira* (ICARPC; Vale, 1997). Foram realizadas análises de comparação de médias, análise de relações e uma Manova. Verificou-se que o grupo institucionalizado revela menores valores de Autoeficácia nos papéis de Trabalhador e Tempos livres e nas crenças de Exploração que remetem para a Importância da posição preferida e Instrumentalidade externa. Paralelamente, maiores níveis de Autoeficácia são preditores de maior *stresse* relacionado com a Exploração vocacional. Com base nos resultados, são retiradas implicações para a intervenção no âmbito da psicologia da carreira com esta população.

**Palavras-chave:** Exploração vocacional, Autoeficácia nos papéis de carreira, Lar de Infância e Juventude

## Self-efficacy beliefs for career roles and Vocational Exploration in out-of-home-care

**Abstract:** The career development of foster care youth on the dimensions of Vocational Exploration and Self-efficacy in career roles was analyzed. Participants were 136 foster care young ( $M_{age} = 16.20$ ,  $SD = 2.19$ ) compared with a sample of 184 young people living with their families ( $M_{age} = 16.72$ ,  $SD = 2.13$ ). The Vocational exploration was assessed using *Inventário de Exploração de Carreira* (CES; Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983, version adapted by Taveira, 1997) and Self-efficacy through the *Inventário de Crenças de Autoeficácia Relativamente aos Papéis de Carreira* (ICARPC; Vale, 1997). The analyzes included comparison of means, analysis of relations and a Manova. It was found that the institutionalized group revealed lower levels of Self-Efficacy in Worker and Leisure role's, and also in beliefs of Exploration, that refers to the importance of the preferred position and external Instrumentality. Further, Career exploration was lower for young living out-of-home in exploration beliefs preferred position Importance and external Instrumentality which are related. In parallel, higher levels of Self-efficacy are predictors of stress related to career exploration. Based on the results, implications are drawn for intervention in the psychological career with this population.

**Key-words:** Self-efficacy beliefs for career roles, Career Exploration, out-of-home care

## Introdução

Os jovens que vivem em Lares de Infância e Juventude (LIJ) são considerados uma população de risco<sup>1</sup> ao vivenciar um conjunto de barreiras percebidas na construção das suas carreiras (Silva & Ribeiro, 2012). Como tal, a União Europeia defende que para uma orientação eficaz são fundamentais a promoção da inclusão social, da igualdade de género e da cidadania, incentivando e apoiando a participação na educação e formação bem como uma escolha de carreira realista e significativa (Counseling of the European Union, 2004; Reid, 2008).

O desenvolvimento vocacional encontra na adolescência grandes desafios e decisões (Hartung, Porfeli & Vondracek, 2005), carregadas de expectativas sociais em relação às escolhas dos jovens (Savickas, 2002). Neste processo, as expectativas de autoeficácia (Lent, Brown & Hackett, 1994) inseridas num referencial sociocognitivo, sublinham o papel da agência pessoal no desenvolvimento de carreira (Bandura, 2003; Pajares, 2005; Lent, Brown & Hackett, 1994) e determinam a forma como as oportunidades e os constrangimentos do meio são vistos (Bandura, 1977; 2000; 2003).

Esta introdução começa, numa primeira parte, por fazer referência à abordagem sociocognitiva, enfatizando a importância das crenças de autoeficácia aplicadas à carreira. De seguida, é abordado o processo de exploração vocacional à luz das principais conceções que a têm explicado e são enquadrados estudos existentes que analisam a relação de ambos os processos. A segunda parte é dedicada ao estudo empírico onde se pretende analisar o desenvolvimento da exploração vocacional e da autoeficácia de carreira de jovens em LIJ. Por fim, são retiradas algumas implicações para a intervenção de carreira com a população institucionalizada.

A teoria da autoeficácia de Bandura (1977) surge como manifestação da atribuição de importância aos processos cognitivos e às suas implicações no comportamento. Na sua formulação, Bandura (1977) define as expectativas de autoeficácia como crenças acerca da capacidade para desempenhar com sucesso um determinado comportamento, em ordem à consecução de objetivos, ajudando a determinar se um comportamento é ou não iniciado (Bandura, 1977, 1982, 2000, 2003). Desta forma, atuam como mediadores entre as reais capacidades e a própria *performance*.

---

<sup>1</sup> Tendo em conta que vivem em condições precárias em termos do acesso a bens e direitos sociais, construindo a sua trajetória de forma transitória e descontínua, mas ainda assim detendo um certo reconhecimento social (Castel, 1995 *cit in* Silva & Ribeiro, 2012)

No estudo do comportamento vocacional, o conceito de Autoeficácia foi introduzido por Hackett e Betz (1981; 1983 *cit in* Miguel, Silva & Pietro, 2012; Creed, Patton & Prideaux, 2006) com o propósito de compreender as trajetórias e escolhas de carreira das mulheres. Estas autoras concluíram que as percepções de (in) competência das mulheres prediziam fortemente a escolha das carreiras da matemática e das ciências (Fouad, 2007).

Nesta abordagem, a autoeficácia aplicada à carreira pode ser definida através dos julgamentos que os indivíduos fazem sobre a competência para realizar comportamentos, escolhas e ajustamentos à carreira, revelando-se um mecanismo suscetível de fornecer informações importantes na compreensão do complexo processo de desenvolvimento da carreira (Nasta, 2007; Allison, 2007).

O autoconhecimento no âmbito da eficácia procede de quatro fontes de informação: (i) as experiências de mestria, (ii) os modelos de aprendizagem, (iii) a persuasão social (iv) e as emoções associadas às fontes de informação (Bandura, 1977; 1982; 2000; 2003; Allison, 2007). As quais detêm forte influência na formação das crenças de autoeficácia de carreira (Bandura, 1977; Pajares, 2005).

As crenças de autoeficácia conduzem ao evitamento ou investimento em comportamentos de carreira (*e.g.* uma baixa autoeficácia pode levar à procrastinação da tomada de decisões). Tal explica-se pelo facto de sujeitos com elevada autoeficácia de carreira tenderem a antecipar sucesso e a procurar apoios e resultados positivos nas suas ambições de carreira. Em geral, quanto maior a autoeficácia de carreira, maiores objetivos de carreira e, tanto mais forte será o compromisso do indivíduo para com estes (Bandura, 1993, 1997 *cit in* Nasta, 2007). Assim como maior envolvimento em comportamentos de carreira, como procura de emprego (Nasta, 2007), tomada de decisão (Miguel, Silva & Pietro, 2013) ou exploração vocacional (Blustein, 1989).

O conceito da exploração é desde logo considerado uma tarefa crítica do desenvolvimento (Déci & Ryan, 2000) e do desenvolvimento vocacional em particular. Assume grande importância nas fases da adolescência, uma vez que é nesta etapa que ocorrem os comportamentos exploratórios das escolhas vocacionais (Blustein, 1989; Taveira, 1997; Taveira & Moreno, 2003). Tal processo é levado a cabo por meio da observação e desempenho de diferentes papéis, que fornecem conhecimento sobre si e sobre o tipo de trabalho a exercer (Königstedt, 2008).

A exploração vocacional distingue-se de outros tipos de exploração devido ao seu carácter intencional (Jordan, 1963 *cit in* Taveira, 1997). Ou seja, almeja um objetivo

específico, decorre num ambiente vocacional e é focada em conteúdos vocacionais (Taveira, 1997; Savickas, 2002).

O seu estudo iniciou-se nos anos 60 e começou por ser reportado como um processo de comportamentos de procura de informação ou de resolução de tarefas vocacionais. Numa segunda conceção, inscrita nas teorias da tomada de decisão, passou a ser visto enquanto fase importante do processo de tomada de decisão, na qual são identificadas alternativas e avaliadas opções e comportamentos de procura de informação (Taveira, 2001).

Posteriormente, numa visão inscrita nos modelos de desenvolvimento vocacional normativos (*e.g.* Super, 1957), a exploração é encarada como um dos principais estádios de vida, característico da adolescência e dos primeiros anos da idade adulta, compreendendo tarefas de especificação, cristalização e implementação de escolhas e autoconceitos (Super, 1980; Taveira, 1997; Vale, 1997). Nesta implementação de autoconceitos, sobressaem as crenças de autoeficácia, dimensões mais descritivas destes e reconhecidamente um tipo de autoconceito importante na compreensão e desenvolvimento de carreira (Vale, 1997).

Finalmente numa quarta visão, o comportamento exploratório acaba perspectivado em termos de um processo subjacente à aprendizagem e desenvolvimento de carreira (Taveira & Moreno, 2003), capaz de permitir a interpretação e recriação de experiências projetadas no futuro mediante a imaginação, a fantasia ou o ensaio (Taveira, 1997).

Diferentes definições do conceito podem ser seguidas. No entanto, atualmente é consensual encará-la enquanto processo psicológico através do qual se retiram informações e testam hipóteses acerca de si e do mundo, e como uma categoria do comportamento exploratório em geral (Taveira, 2004). Consequentemente, estamos perante um processo psicológico complexo, de singular importância ao longo do desenvolvimento global e que contribuiu para a construção flexível da personalidade (Taveira & Moreno, 2003).

Super contribuiu de forma marcante para o desenvolvimento da exploração vocacional, onde sobressai o papel desta na construção da identidade (Taveira, 1997). Inicialmente começou por considerá-lo um processo que decorria na fase da adolescência, tal acontece tanto na teoria dos construtos pessoais como no modelo de desenvolvimento vocacional do arco-íris da carreira (Super, 1980). No entanto, foi aperfeiçoando a sua formulação até avançar com o desenvolvimento vocacional como um processo de ciclo de vida (Maxi-ciclo), no qual ocorrem sucessivos períodos de exploração (Mini-ciclos) ao longo da vida.

Na sua formulação, os estádios de exploração vocacional são biologicamente determinados e influenciados por fatores psicossociais (Blustein, 1997). Fundamentalmente as

pessoas atuam numa variedade de papéis ao longo da vida (Super, 1980), surgindo cronologicamente: (1) Criança, (2) Estudante, (3) Lazer, (4) Cidadão, (5) Trabalhador, (6) Esposo, (7) Doméstico, (8) Pai e (9) Pensionista.

Os indivíduos exploram de forma bastante transparente ao longo dos papéis de vida. Sendo difícil que a aprendizagem de uma nova informação (relativa a valores, crenças ou interesses) fique circunscrita ao contexto ou papel de vida em que ocorreu e não seja integrada no repertório de carreira (Blustein, 1997). Assim, o processo de exploração atravessa os vários papéis de vida e traz benefícios que não se confinam ao domínio explorado. Por exemplo, num estudo realizado com adolescentes, apurou-se que aqueles que exploraram vários domínios das suas identidades tendiam a apresentar ganhos em aspetos relacionados com a escola bem como nos seus papéis interpessoais (Mortimer & Shanahan, 1994).

Apesar de se tratar de um processo com uma considerável variação individual, a teoria e a investigação têm identificado algumas condições antecedentes e conseqüentes gerais (Blustein, 1989). Resumidamente, têm-se apontado como antecedentes do processo de exploração: (i) a modelação e as experiências vicariantes, (ii) o valor atribuído e as expectativas, (iii) a orientação para objetivos, (iv) a autonomia e competência percebidas, (v) o processamento cognitivo, (vi) os estilos de tomada de decisão, (vii) os estilos de vinculação e (viii) o contexto familiar (Taveira, 1997).

A exploração de vários papéis de vida origina um processo recursivo em que os ganhos obtidos são benéficos ao longo do espaço de vida (Blustein, 1989). Neste sentido, a par das condições antecedentes têm também sido identificados resultados vocacionais tais como: (i) a satisfação e o sucesso vocacional, (ii) o nível de maturidade vocacional, (iii) a eficácia dos processos de tomada de decisão, (iv) o progresso no processo de compromisso, (v) a competência no processo de exploração e (vi) o desenvolvimento da identidade vocacional ou (vii) o incremento do autoconceito, tornando-o mais cristalizado (Blustein, 1989; Taveira, 1997).

Vários estudos têm sido realizados com o objetivo de compreender a influência de diversas variáveis no comportamento exploratório. Entre essas variáveis estão a autoeficácia percebida (Creed, Tilbury, Buys, & Crawford, 2011; Nasta, 2007; Blustein, 1989).

Quando analisamos o cruzamento destas variáveis, a investigação existente parte de perspetivas teóricas distintas, decorrendo delas o tipo de avaliação da autoeficácia. No entanto, todos apresentam a comunalidade de concluírem resultados similares, favoráveis à apresentação de bons níveis de autoeficácia no processo exploratório. Blustein (1989) estudou a instabilidade dos objetivos e da autoeficácia no processo de exploração de carreira, numa

população normativa, concluindo que a dimensão da autoeficácia na tomada de decisão de carreira emergiu como o maior preditor da atividade exploratória.

Os mesmos resultados tendem a ser observados junto de populações não normativas, como o caso dos jovens institucionalizados. Na Austrália, Creed, Tilbury, Buys e Crawford (2011) empreenderam uma investigação comparando dois grupos de jovens relativamente às aspirações e comportamentos de carreira: um grupo a viver com a família e outro acolhido em instituição. Concluíram que, à medida que a autoeficácia aumenta, a exploração de carreira sofria um incremento concomitante.

Apesar da generalidade dos estudos não se centrar em populações de risco/específicas, um grupo de estudos nesta linha tem-se dedicado a estudar as questões raciais e a relação entre exploração vocacional, autoeficácia e identidade vocacional, tendo revelado que alunos com maiores sentimentos de autoeficácia na tomada de decisão são simultaneamente detentores de uma identidade vocacional mais diferenciada e mais envolvidos em tarefas de exploração do que os pares menos autoeficazes (*e.g.* Geshue, Clarke, Pantzer, & Scanlan, 2006).

Este trabalho integra uma linha de investigação que se dedica ao estudo do desenvolvimento vocacional em contextos não normativos, tendo por objetivos:

- i. Caracterizar uma amostra de jovens que vivem em Lares de Infância e Juventude (LIJ) no que concerne à Exploração Vocacional e Autoeficácia percebida nos papéis de vida comparando-os com adolescentes que vivem na família;
- ii. Analisar a relação entre a Autoeficácia percebida nos papéis de vida e a Exploração Vocacional de jovens que vivem em LIJ;
- iii. Analisar o efeito do contexto nas dimensões do desenvolvimento vocacional estudadas
- iv. Retirar implicações das análises para a intervenção vocacional dirigida à população que reside em LIJ.

Trata-se de um estudo com carácter exploratório, pelo que se pode dispensar a formulação de hipóteses prévias (Almeida & Freire, 2003). No entanto, com base na teoria e nos estudos apresentados, há a expectativa de que as crenças de autoeficácia se relacionem com uma direção positiva com as dimensões da exploração vocacional.

## II. Método

### 2.1 Participantes

Participaram neste estudo uma amostra de 360 participantes, divididos por dois grupos, cujo processo de amostragem foi aleatório. As idades variam entre os 12 e os 25 anos de idade ( $M = 16.52$ ,  $DP = 2.17$ ). Em termos da distribuição pelo género 134 são raparigas (41%) e 188 são rapazes (58.7%).

Um primeiro grupo é formado por jovens institucionalizados ( $n = 136$ , 42.5%), com uma média de idades de 16.20 anos ( $DP = 2.19$ ) e sendo constituído por 77 rapazes (57.35 %) e 59 (52.7%) raparigas. Relativamente à escolaridade a maioria frequenta o ensino secundário (45.1%), seguidos do 3.º ciclo (37.8%) e do 2.º ciclo (11.4%), os restantes frequentam o ensino universitário.

O segundo grupo constitui-se por jovens que vivem com as famílias ( $n = 184$ , 57.5 %), cuja média de idades é de 16.72 ( $DP=2.13$ ), sendo formado por 104 rapazes (41.3%) e 82 raparigas (58.8%). A maioria estuda no ensino secundário (81.6%) e os restantes no 3.º ciclo (18.%).

A tabela 1 apresenta as medidas descritivas segundo o sexo, o  $n$  e a percentagem.

Tabela 1: Caraterização da amostra

		Idade			
		n	%	M	DP
LIJ	Rapazes	78	42.6	15.81	2.35
	Raparigas	58	57.4	16.95	1.79
Família	Rapazes	104	41.3	17.02	2.15
	Raparigas	82	58.8	16.32	2.05
Total		320	100	16.54	2.17

## 2.2 Instrumentos de medida

Para avaliar as crenças de autoeficácia recorreu-se ao Inventário de Crenças de Autoeficácia Relativamente aos papéis de Carreira (ICARPC; Vale, 1997) e para avaliar a exploração vocacional à versão adaptada para a população jovem portuguesa do *Career Exploration Survey* (CES; Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983 adaptado por Taveira, 1997).

O *Inventário de Crenças de Autoeficácia Relativamente aos Papéis da Carreira* (ICARPC: Vale, 1997) foi desenvolvido com base no modelo concetual de Super (1990). Tem como objetivo avaliar até que ponto (grau de confiança) as pessoas acreditam (crenças/expectativas) poder realizar com sucesso (autoeficácia) as tarefas envolvidas nos cinco papéis da carreira – *estudante, trabalhador, tempos livres, casa/família, e serviços à comunidade*, os cinco papéis avaliados no questionário.

O questionário apresenta uma composição de 50 itens (Cardoso & Silva, 2009) organizados em cinco escalas de 10 itens, que avaliam “até que ponto as pessoas acreditam poder realizar com sucesso as tarefas envolvidas nos vários papéis que constituem a carreira” (Vale, 1997, p. 104). A resposta assume o formato tipo *likert* com 10 pontos, em que 1 significa “pouca confiança” e 10 “total confiança”. A cotação envolve o somatório dos pontos dos itens de cada escala, obtendo-se, cinco resultados. Também é possível calcular o resultado total a partir do somatório do número total de itens.

Os resultados da construção e validação métrica apuraram que quanto maior o dispêndio de tempo e de esforço dos adolescentes em determinado papel, maior o sentimento de autoeficácia nesse papel. Ou seja, quanto mais fortes as crenças de autoeficácia dos jovens em determinado papel de vida, maior tende a ser a participação e adesão às atividades relacionadas com esse papel (Vale, 1997). O que nos pode levar a dizer que, com esta maior aderência maior exploração será promovida. A consistência interna das escalas varia entre .65 (escala Casa e Família) e .80 (escala Trabalho).

O *Career Exploration Survey* (CES; Stumpf, Colarelli, & Hartman, 1983; adaptada por Taveira, 1997) é uma escala multidimensional de 53 itens que permite avaliar doze dimensões, integradas nas componentes comportamentais, cognitivas e emocionais. Ou seja, quatro tipos de crenças, cinco tipos de comportamentos e três tipos de reações afetivas relacionadas com a exploração vocacional.

À exceção das escalas de *Stress*, que utiliza uma escala de 7 pontos, e do item *Número de domínios profissionais considerados*, que utiliza um formato de resposta gráfico-numérico, os restantes itens assumem um formato de resposta tipo *likert*, com 5 pontos, em que 1 significa “Pouco”, “Nada satisfeito/a” e “Pouco Seguro/a” e 5 significa “Muito

Seguro/a “ ou “ Muito Satisfeito/a”. A cotação das subescalas obtém-se adicionando o valor de cada resposta aos itens que a compõem, variando as pontuações mínimas e máximas conforme o número de itens e a escala de resposta. As qualidades métricas foram verificadas em estudos realizados com estudantes do ensino básico e secundário (Taveira, 1997) e do ensino superior (Soares, 1999 *cit in* Faria & Taveira, s.d.). É uma prova com fiabilidade e validade de construto, cuja consistência interna varia entre os coeficientes de .51 e .92 (Taveira, 1997).

Para terminar descreve-se, na Tabela 2, as dimensões avaliadas pelo CES e sua especificação.

Tabela 2. Dimensões da Exploração Vocacional

CES		
<b>Crenças de Exploração Vocacional</b>	<u>Estatuto de Emprego (EE)</u>	Até que ponto parecem ser favoráveis as possibilidades de emprego na área preferida.
	<u>Crença nos resultados da exploração (CRE)</u>	O grau de certeza de vir a atingir uma posição favorável no mercado de trabalho.
	<u>Instrumentalidade externa (IE)</u>	A probabilidade de exploração do mundo profissional concorrer para atingir objetivos vocacionais.
	<u>Instrumentalidade interna (II)</u>	A probabilidade de exploração de si próprio/a concorrer para atingir objetivos vocacionais.
	<u>Importância de obter a posição preferida (IPP)</u>	O grau de importância atribuído à realização da preferência vocacional.
<b>Processo de Exploração Vocacional</b>	<u>Exploração do meio (EM)</u>	O grau de exploração de profissões, empregos, as organizações realizada nos últimos 3 meses.
	<u>Exploração de si próprio (ESP)</u>	O grau de exploração pessoal e de retrospeção realizada nos últimos 3 meses.
	<u>Exploração sistemática –intencional (ESI)</u>	Em que medida a procura de informação sobre o meio e sobre si próprio/a se realizou de um modo intencional e sistemático.
	<u>Quantidade de informação (QI)</u>	Quantidade de informação adquirida sobre as profissões, empregos, as organizações e sobre si próprio/a.
<b>Reações à Exploração Vocacional</b>	<u>Satisfação com a informação (SI)</u>	A satisfação sentida com a informação obtida sobre as profissões, empregos e organizações mais relacionadas com os seus interesses, capacidades e necessidades.
	<u>Stress na exploração (SE)</u>	A quantidade de <i>stress</i> indesejado que cada um sente como função do processo de exploração, por comparação a outros acontecimentos de vida.
	<u>Stress na decisão (SD)</u>	A quantidade de <i>stress</i> indesejado que cada um sente como função do processo de tomada de decisão, por comparação a outros acontecimentos.

### 2.3 Procedimentos

Os dados foram recolhidos no âmbito de um projeto de investigação que pretende avaliar os percursos de carreira de jovens institucionalizados e que inclui a avaliação da exploração e da autoeficácia de carreira (Silva & Taveira, 2011).

Antes da sua recolha, foram efetuados contatos formais junto de LIJ e de escolas. Em ambos os contextos foram dados a conhecer os objetivos do estudo e garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados. Após concessão de autorização e consentimento informado dos participantes, a recolha realizou-se segundo os parâmetros éticos da investigação em psicologia por colaboradoras do projeto. Este processo decorreu em contexto de sala de aula, nas escolas, na presença de um professor e/ou colaborador. Enquanto nos LIJ, teve lugar numa sala reservada, sempre que possível com a presença de colaboradores do projeto.

Para a análise dos dados foi utilizada a versão 20 do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS IBM). Foram realizadas análises de estatística descritiva (cálculo de médias e desvios-padrão). Analisaram-se ainda as relações entre as dimensões, através de coeficientes de correlação de *Pearson* e de Testes de *t-Student* para amostras independentes. O estudo dos efeitos do contexto nas subescalas do CES e do ICAPRC baseou-se na análise da variância multivariada fatorial.

### 3. Resultados

#### 3.1 Análise da Autoeficácia nos papéis de vida e da Exploração vocacional

A tabela 3 apresenta as medidas descritivas e os resultados do teste T-student no que se refere à exploração vocacional mediante o grupo de pertença dos participantes.

Tabela 3. Autoeficácia nos papéis de carreira em função do contexto: medidas descritivas e teste *T-student*

	PM	LIJ (n = 136)		Família (n = 184)		<i>t</i>	<i>p</i>
		M	DP	M	DP		
Papéis de vida							
Estudo	50	66.74	18.12	66.52	15.52	.12	.908
Trabalho	50	71.44	18.63	76.04	18.67	-2.60*	.025
Tempos livres	50	72.40	18.37	76.74	15.60	-2.22*	.027
Casa e família	50	74.58	19.99	77.01	17.15	-1.17	.241
Serviços à comunidade	50	61.31	20.11	61.16	19.92	.83	.933

\* $p < .05$

Como se pode observar na Tabela 3 existem diferenças significativas entre os dois grupos na Autoeficácia no papel de Trabalhador,  $t(267.42) = -2.60$ ,  $p = .025$ . Os jovens institucionalizados relatam menor autoeficácia no papel de Trabalhador relativamente aos pares que vivem em ambiente familiar. Ao nível da autoeficácia no papel de Tempos livres foi percecionada como menos eficaz para os jovens que vivem em LIJ do que no grupo que vive em contexto familiar,  $t(254.32) = -2.22$ ,  $p = .027$ .

No que concerne aos restantes papéis de vida, Casa e Família, Serviços à comunidade e Estudante não foram encontradas diferenças significativas. Embora, os resultados revelem que os jovens que vivem em LIJ apresentam valores inferiores.

A tabela 4 apresenta os resultados relativos às medidas descritivas e ao teste T-student para a dimensão da Exploração vocacional.

Tabela 4: Medidas descritivas da Exploração vocacional e resultados do teste T-*student* para amostras independentes

	P M	LIJ (n = 136)		Família (n = 184)		Total (N = 320)		<i>t</i>	<i>p</i>
		M	DP	M	DP	M	DP		
<b>Crenças</b>									
EE	9	10.04	2.88	10.30	2.43	10.19	2.63	-0.90	.383
CRE	9	8.72	2.91	9.14	3.31	8.90	3.15	-1.17	.234
IE	33	38.12	8.08	39.94	6.54	39.17	7.28	-2.21	.033*
II	12	14.65	3.34	15.20	2.62	14.97	2.90	-1.67	.106
IPP	9	11.22	2.88	11.84	2.50	11.58	2.68	-1.99	.048*
<b>Processo</b>									
EM	12	11.47	4.20	12.11	3.63	11.84	3.88	-1.44	.159
ESP	15	15.54	4.50	16.33	3.80	15.99	4.13	-1.70	.099†
ESI	6	5.61	1.86	5.65	1.81	5.6	1.83	-1.54	.879
QI	9	9.79	2.49	10.17	2.21	10.1	2.33	-1.42	.163
<b>Reações</b>									
SI	9	9.69	2.40	10.16	2.21	9.96	2.30	-1.80	.075†
SE	2	15.80	5.61	16.47	4.97	16.19	5.25	-1.12	.272
SD	15	21.25	7.71	22.28	7.80	21.85	.71	-1.18	.236

\* $p < .05$ . Nota: EE – Estatuto de emprego; CRE – Crença nos resultados de exploração; IE – Instrumentalidade externa; II – Instrumentalidade interna; IPP – Importância da posição preferida; EM – Exploração do meio, ESP – Exploração de si próprio; ESI – Exploração sistemática-intencional; QI – Quantidade de informação; SI – Satisfação informação; SE – Stress exploração; SD – Stress decisão

Observando a Tabela 4, há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos na Instrumentalidade externa  $t(251.29) = 2.14$ ,  $p = .033$  e Importância da posição preferida  $t(264.14) = 1.99$ ,  $p = .048$ . Os jovens que vivem em LIJ relatam menor importância na exploração do mundo profissional concorrer para atingir objetivos vocacionais e menor grau de importância na realização da preferência vocacional.

Foram também detetadas diferenças marginalmente significativas na Exploração de si próprio  $t(259,13) = -1.65$ ,  $p = .099$  e na Satisfação com a informação  $t(274.73) = .68$ ,  $p = .075$ . O grupo institucionalizado tende a evidenciar menor desenvolvimento em termos da exploração de si em relação ao grupo que vive com as famílias e menor satisfação com a informação resultante do processo de exploração.

### 3.2 Análise da relação entre a Autoeficácia nos papéis de carreira e a Exploração vocacional

A tabela 5 apresenta os resultados relativos ao estudo correlacional da Autoeficácia e da Exploração vocacional.

Tabela 5: Coeficientes de correlação de *Pearson* entre as subescalas do ICARPC e do CES

	AEE		AET		AETL		AECF		AESC	
	LIJ	Família	LIJ	Família	LIJ	Família	LIJ	Família	LIJ	Família
EE	.09	.08	.01	.11	.01	.16*	.01	.10	.06	.22*
CR	.02	.08	-.01	.06	.01	.06	-.01	.11	.12	.05
IE	.17	.17*	.14	.14	.08	.10	.07	.09	.11	.02
II	.07	.12	.12	.07	.02	.10	.07	.02	.12	.04
IPP	.03	.09	.04	.11	-.02	-.03	.06	-.01	.05	.08
EM	.02	.15*	-.01	.17*	-.09	.12	.09	.07	-.07	.10
ESP	.14	.11	.07	.15*	-.07	.14	.02	.07	-.01	.11
ESI	.10	.03	.06	.12	.02	.05	-.05	.04	.07	.05
QI	.05	.20**	.11	.16*	.02	.10	.04	.16*	-.01	.15*
SI	.14	.11	.14	.14	.07	.15*	-.01	.10	.04	.13
SE	.21	.05	.15	.10	.20*	.03	.23**	.07	.12	.15*
SD	.16	-.03	.19*	.03	.13	-.07	.24**	-.05	.06	.09

\*\*  $p < .01$ , \* $p < .05$

Nota: LIJ: Lar de Infância e Juventude, AEE - Autoeficácia no papel de estudante, AET – autoeficácia no papel de trabalhador; AETL – autoeficácia no papel de tempos livres; AECS – autoeficácia no papel de casa e família; AESC – autoeficácia no papel de serviços à comunidade. EE – Estatuto de emprego; CRE – Crença nos resultados de exploração; IE – Instrumentalidade externa; II – Instrumentalidade interna; IPP – Importância da posição preferida; EM – Exploração do meio, ESP – Exploração de si próprio; ESI – Exploração sistemática-intencional; QI – Quantidade de informação; SI – Satisfação informação; SE – Stress exploração; SD – Stress decisão.

A tabela 5 permite verificar várias correlações positivas estatisticamente significativas entre as dimensões da exploração e da autoeficácia de carreira, em ambas as amostras. Concretamente, na amostra institucionalizada, a Autoeficácia no papel de Estudante correlaciona-se positivamente com o Stress na exploração,  $r = .21$ ,  $p = .014$ . Na amostra não institucionalizada este papel correlaciona-se positivamente com a Instrumentalidade externa,  $r = .17$ ,  $p = .023$ , a Exploração do meio,  $r = .15$ ,  $p = .044$  e a Quantidade de informação,  $r = .20$ ,  $p = .007$ .

Ao nível da Autoeficácia no papel de Trabalhador correlaciona-se positivamente com o Stress na decisão,  $r = .19$ ,  $p = .027$ , na amostra institucionalizada. Por sua vez, na amostra

não institucionalizada correlaciona-se, na direção positiva, com a Exploração do meio,  $r = .17$ ,  $p = .022$ , a Exploração de si próprio,  $r = .15$ ,  $p = .037$  e a Quantidade de informação,  $r = .16$ ,  $p = .032$ .

Relativamente à Autoeficácia no papel de Tempos livres correlacionou-se positivamente com o Stress na exploração,  $r = .20$ ,  $p = .023$ , no grupo institucionalizado. Por sua vez, no grupo não institucionalizado, está positivamente correlacionada com o Estatuto de emprego,  $r = .16$ ,  $p = .034$  e a Satisfação com a informação,  $r = .15$ ,  $p = .039$ .

Já na Autoeficácia no papel de Casa e família, na amostra que vive em instituição, há uma correlação positiva com o Stress na exploração,  $r = .23$ ,  $p = .007$  e com o Stress na decisão,  $r = .24$ ,  $p = .004$ . Ao nível do grupo não institucionalizado, está positivamente correlacionada com a Quantidade de informação,  $r = .16$ ,  $p = .029$ .

Finalmente, a Autoeficácia no papel de Serviços à comunidade não se correlacionou com as dimensões da exploração vocacional no grupo institucionalizado. Já o grupo não institucionalizado apresenta correlações positivas com o Estatuto de emprego,  $r = .22$ ,  $p = .002$ , a Quantidade de informação,  $r = .15$ ,  $p = .044$  e o Stress na exploração,  $r = .15$ ,  $p = .038$ .

### **3.3 Análise do efeito do contexto na Autoeficácia nos papéis de carreira e na Exploração vocacional**

Para analisar o efeito do contexto recorreu-se à MANOVA fatorial. Esta análise estuda o efeito de variáveis independentes em múltiplas variáveis dependentes, controlando assim a ocorrência do erro tipo I. Foi considerado o cumprimento de pressupostos da normalidade multivariada, homogeneidade das matrizes de variância-covariância, ausência de multicolinearidade e controlo de *outliers* através de métodos gráficos (Field, 2005).

A normalidade multivariada não se apresenta cumprida. A homogeneidade das matrizes de variância-covariância, reportada à semelhança da dispersão nos grupos e das correlações entre variáveis (Martins, 2011) indica que este pressuposto também não está garantido. As correlações entre subescalas são todas inferiores a .80, encontrando-se o pressuposto de ausência de multicolinearidade cumprido (Tabachnick & Fidell, 1989 *cit in* Martins, 2011).

Dado que não se cumprem todos os pressupostos, reportam-se mais uma vez, os resultados multivariados considerando o valor de *Pillai's Trace (V)* (*ibidem*).

A tabela 6 apresenta os resultados relativos à MANOVA fatorial da variável da Exploração vocacional.

Tabela 6. CES: Médias e desvios-padrão em função do contexto de vida

	Contexto de vida						
	LIJ		Família		Total		F (12,306)
	(n = 136)		(n = 184)		(N = 320)		
M	DP	M	DP	M	DP		
Subescalas CES							
EE	10.04	2.90	10.30	2.43	10.19	2.63	.78
CRE	8.72	2.91	9.14	3.32	8.90	3.15	1.38
IE	38.13	8.08	40.04	6.41	39.23	7.22	5.56*
II	14.65	3.24	15.23	2.60	14.98	2.89	3.12†
IPP	11.22	2.88	11.86	2.48	11.59	2.68	4.51*
EM	11.47	4.19	12.14	3.61	11.86	3.88	2.32
ESP	15.54	4.50	16.35	3.80	16.01	4.12	3.05†
ESI	5.61	1.86	5.66	1.81	5.64	1.83	.04
QI	9.79	2.49	10.19	2.19	10.02	2.33	2.29
SI	9.69	2.40	10.18	2.19	9.97	2.29	3.61†
SE	15.80	5.61	16.54	4.90	16.22	5.22	1.55
SD	21.25	7.56	22.38	7.72	21.90	7.66	.20

Nota: EE – Estatuto de emprego; CRE – Crença nos resultados de exploração; IE – Instrumentalidade externa; II – Instrumentalidade interna; IPP – Importância da posição preferida; EM – Exploração do meio, ESP – Exploração de si próprio; ESI – Exploração sistemática-intencional; QI – Quantidade de informação; SI – Satisfação informação; SE – Stress exploração; SD – Stress decisão. \* $p < .05$ , †  $p < .10$

A MANOVA fatorial, de acordo com os testes multivariados revela não existirem efeitos do contexto na Exploração Vocacional,  $V = .03$ ,  $F(12, 305) = 1.00$ ,  $p = .45$ . No entanto, testes univariados revelaram um efeito significativo na Instrumentalidade externa (IE),  $F(1, 317) = 5.56$ ,  $p = .019$  e na Importância da Posição Preferida (IPP),  $F(1, 317) = 4.51$ ,  $p = .034$ , em que o grupo que vive em instituição apresenta valores médios mais baixos aos do que vive com a família. O contexto apresenta também efeitos marginalmente significativos nas subescalas da Satisfação com a Informação (SI),  $F(1, 317) = 3.61$ ,  $p = .058$ , com a amostra que vive em LIJ a tender a apresentar resultados médios inferiores aos pares que vivem em contexto familiar.

O efeito do contexto repercute-se, ainda, de forma marginal na subescala da Instrumentalidade interna (II),  $F(1, 316) = 3.16$ ,  $p = .078$  e Exploração de si próprio (ESP),  $F(1, 316) = 3.05$ ,  $p = .085$ , em que o grupo institucionalizado tendencialmente apresenta valores médios mais baixos relativamente ao não institucionalizado.

Como os resultados na análise multivariada replicam os resultados obtidos com a realização do teste de *t-student* para amostras independentes optou-se por considerar a significância estatística dos testes multivariados da Manova, ainda que numa primeira fase os testes univariados apontassem no sentido da retenção da hipótese nula (Terenó, Soares, Martins, Celani & Sampaio, 2007).

Foi realizada uma segunda MANOVA para análise do efeito do contexto na Autoeficácia nos papéis de carreira. Os pressupostos avaliados foram os mesmos. A normalidade multivariada encontra-se cumprida, no entanto a homogeneidade das matrizes de variância-covariância revela não estar garantido o pressuposto. As correlações entre subescalas são todas inferiores a .80, encontrando-se o pressuposto de ausência de multicolinearidade cumprido (Tabachnick & Fidell, 1989 *cit in* Martins, 2011). Por fim, o número de casos por célula é superior ao número total de variáveis, pelo que permite a análise. Uma vez que não se cumprem todos os pressupostos reportam-se os resultados considerando o valor de *Pillai's Trace (V)* (*ibidem*).

A tabela 7 apresenta as médias e os desvios-padrão da Autoeficácia nos papéis de carreira bem como o valor de *F*.

Tabela 7: ICARPC: médias e desvios padrão em função do contexto de vida

	Contexto de vida							
	LIJ		Família		Total			
	(n = 136)		(n = 184)		(N = 320)			
	M	DP	M	DP	M	DP	F (5, 312)	
Autoeficácia nos papéis								
Estudo	66.65	18.00	66.74	15.59	66.70	16.63	.002	
Trabalho	71.61	18.76	76.23	16.70	74.27	17.72	5.34*	
Tempos livres	72.34	18.47	76.77	15.55	74.89	16.97	5.35*	
Casa e família	74.64	19.09	77.02	17.19	76.01	18.03	1.36	
Serviços à comunidade	61.67	20.09	61.05	19.96	61.32	19.99	.07	

\* $p < 0.05$

O efeito do contexto repercute-se na subescala da Autoeficácia nos papéis de carreira,  $V = .044$ ,  $F (5, 312) = 2.79$ ,  $p = .015$ . Testes univariados revelam que este se reflete significativamente na Autoeficácia no papel de trabalhador,  $F (1, 316) = 5.34$ ,  $p = .021$ . Em que o grupo não institucionalizado apresenta valores médios superiores ao grupo

institucionalizado. Por outro lado, o contexto reflete-se na Autoeficácia no papel de tempos livres,  $F(1, 316) = 5.35, p = .021$ . Com o grupo que vive em instituição a apresentar níveis médios inferiores de confiança na assunção deste papel em relação ao grupo que vive com a família.

### III. Discussão e Conclusões

O objetivo deste estudo prendeu-se com a análise da exploração vocacional e autoeficácia de carreira de jovens institucionalizados e da relação entre ambas as dimensões nesta população, por comparação a um grupo de pares não institucionalizados.

Na autoeficácia percebida, os jovens que vivem em instituições apresentam bons níveis de autoeficácia nos papéis de carreira, situando-se acima do ponto médio em todos os papéis de carreira. No entanto, quando comparados com os pares que vivem com as famílias percebem-se menos proeficientes na assunção do papel de trabalhador e de tempos livres. Este mesmo padrão foi encontrado com a Manova.

Relativamente ao papel de trabalho, este resultado pode ser perspetivado tendo em conta os modelos de trabalho das famílias destes adolescentes assim como os dados de estudos prospetivos que apontam dificuldades de inserção e de manutenção no mercado de trabalho (Courtney, Dworsky, Cusick, Havlicek, Perez & Keller, 2007), bem como, dificuldades em perspetivarem-se a realizar ocupações laborais que impliquem compromissos a longo prazo (Neves, 2011). Paralelamente, a menor confiança no desempenho de atividades de tempos livres pode ser enquadrada com a vivência em contextos onde a ocupação dos tempos livres geralmente obedece a critérios pré-definidos e estruturados pelo Lar (Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000). Esta regulamentação excessiva da vida quotidiana tem sido apontada como dos riscos comportados pela institucionalização (Alberto *cit in* Martins, 2004).

A hierarquia relativa às posições dos papéis de carreira surge exatamente nas mesmas posições para ambos os grupos. Como primeira posição surge a escala de Tempos livres e a escala de Serviços à comunidade, na última posição da hierarquia. Tal como se verificou no estudo original de construção do Inventário de crenças de autoeficácia relativamente aos papéis de carreira (Vale, 1997). Possivelmente este aspeto terá a ver com o facto das atividades de tempos livres serem relativamente autodeterminadas, o que significa que o hipotético esforço envolvido no desempenho é facilmente evitado (Herr & Cramer, 1992 *cit in* Vale, 1997). O facto do papel de Serviços à comunidade ser o menos importante para ambos

os grupos de participantes poderá estar na origem de, ou ser consequência de expectativas pessoais pouco positivas nessas atividades.

Ao nível da exploração vocacional, o perfil de resultados da análise realizada com o teste de  $t$  e a partir da Manova é bastante consistente entre si. Apesar dos adolescentes institucionalizados apresentarem valores bastante satisfatórios, acima ou próximos do ponto médio em todas as dimensões, diferem dos pares não institucionalizados nas dimensões da Exploração de si e Satisfação com a informação. Sendo possível inferir que estando o comportamento exploratório associado a maiores comportamentos de procura de informação e como tal, a maior satisfação com a informação (Taveira, 1997), os adolescentes institucionalizados como apresentam níveis mais baixos de exploração de si encontram-se simultaneamente menos satisfeitos com a informação vocacional obtida.

Há ainda a registar diferenças no que diz respeito à Importância de obtenção da posição preferida e Instrumentalidade externa. O que nos parece indicar que os jovens institucionalizados estão menos confiantes na obtenção de emprego na área/local que idealizam, ou seja antecipam resultados menos promissores para si resultantes da exploração vocacional. De igual modo, parecem ser menos intencionais na utilização dos recursos externos, como por exemplo falar com pessoas para aprender mais sobre as profissões que lhes interessam.

Os resultados deste estudo confirmam e são consistentes com as conclusões da teoria e investigação da autoeficácia vocacional, que sugere que a confiança face às tarefas de tomada de decisão pode facilitar a exploração vocacional (*e.g.* Blustein, 1989), no caso do presente estudo, a autoeficácia associada papéis de carreira também se revelou influenciadora de determinadas facetas da exploração vocacional.

O estudo correlacional entre as dimensões do CES e do ICARPC segue de encontro à tendência verificada no estudo de validação do CES à população portuguesa (Taveira, 1997), à semelhança também do que acontecera com os resultados divulgados por Stumpf, Colarelli & Hartman (1983 *cit in idem*). Nestes estudos verificou-se a existência de correlações entre dimensões de diferentes componentes, designadamente entre as crenças e o processo de exploração. Tratando-se a autoeficácia de um tipo de crença específica, reforça a ideia de que, as crenças, no caso deste estudo, sobre a assunção de papéis de carreira, estão ligadas às facetas do comportamento exploratório.

De forma bastante substancial, a autoeficácia na assunção de papéis de vida, correlacionou-se com perfis superiores de reações à exploração vocacional, principalmente ao nível do *stress* relacionado com a exploração e com a decisão (sobretudo tendo como

influenciadora a autoeficácia no papel de Casa e Família). Tal pode estar relacionado com o padrão de ansiedade elevada, característico de crianças com historial de institucionalização (Cóias & Simões, 1995 *cit in* Martins, 2004), aliado à privação de um ambiente familiar normativo.

Por outro lado, verifica-se que mais quanto mais autôfocas maiores reações *stressantes* são evocadas em relação à exploração vocacional. Isto pode ser interpretado como sinal de maior consciência deste grupo de jovens relativamente às suas circunstâncias de vida atuais e ao modo como estas se poderão repercutir de forma negativa na sua trajetória vocacional.

A grande implicação para a intervenção com esta população prende-se com a possibilidade de apoiar eficazmente os indivíduos no processo de decisão e escolha vocacional se se abordar as expectativas de autoeficácia. Como a autoeficácia no exercício dos papéis relacionados com a carreira, que Bandura (1982) defendeu poderem ser promovidos com recurso às fontes de origem: experiências de mestria, aprendizagem vicariante, persuasão social e os estados emocionais. A variância explicada na exploração vocacional pelo efeito das fontes de autoeficácia em estudantes foi de 24 %. Neste seguimento, este estudo fornece um contributo para este domínio, na população de jovens institucionalizados, avançando algumas orientações no sentido de promover a sua exploração vocacional. Ou seja através da atuação a montante nas origens de formação das crenças de autoeficácia incentiva-se o envolvimento dos jovens em atividades relacionadas com os papéis da carreira, no sentido de se tornarem autoeficazes e desta forma ativar as facetas da exploração vocacional.

Este estudo recorreu à utilização de um grupo de comparação (aspecto mais apontado como limitação dos estudos com estas populações) (Creed, Tilbury, Buys, & Crawford, 2011). Pelo que, consideramos configurar um avanço na investigação no âmbito do desenvolvimento de carreira, junto da população institucionalizada, caracterizada por dificuldades de acessibilidade. No entanto, algumas limitações podem ser referidas, como a subrepresentatividade da população LIJ que afeta a generalização das conclusões. Isto sublinha a necessidade de se realizarem estudos com maior número de sujeitos e de desenho longitudinal, no sentido de se aferir da estabilidade temporal das perceções da carreira que possam ajudar a compreender a forma como pensam e sentem as questões ligadas ao seu desenvolvimento vocacional.

## Referências

- Allison (2007). The many sides of social cognitive career theory. Proven Practices for Recruiting Women to STEM Careers in ATE Programs. *Edmonds Community College, Lynnwood, WA*.
- Almeida, L. & Freire T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*, 5.<sup>a</sup> ed. Braga: Psiquilibrios.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of a behavioral change. *Psychological Review*, 2, 191-215.
- Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 2, 122-147.
- Bandura, A. (2003). Adolescent development from an agentic perspective. *Self-Efficacy Beliefs of Adolescents*, 1, 1–43.
- Bandura, A. (2000). Exercise of human agency through collective efficacy. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 75-78.
- Blustein, D. L. (1997). A Context-Rich Perspective of Career Exploration across the Life Roles. *The Career Development Quarterly*, 45, 260-274.
- Blustein, D. L. (1989). The role of goal instability and career self-efficacy in the career exploration process. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 194-203.
- Cardoso, P. & Vale, I. (2009). Avaliação das expectativas de autoeficácia nos papéis de carreira: O Inventário de Crenças de Autoeficácia Relativamente aos Papéis da Carreira. *Psychologica*, 51, 13-25.
- Creed, P., Tilbury, C., Buys, N., & Crawford, M. (2011). The career aspirations and action behaviors of Australian adolescents in out-of-home-care. *Children and Youth Services Review*, 33, 1720–1729.
- Courtney, M. E., Dworsky, A., Cusick, G. R., Havlicek, J., Perez, A., & Keller, T. (2007). *Midwest Evaluation of the Adult Functioning of Former Foster Youth: Outcomes at Age 21*. Chapin Hall: Center for children at the University of Chicago.
- Faria, L. & Taveira, M. C. (s.d.). Avaliação da Exploração e da Indecisão de Jovens no contexto da Consulta Psicológica Vocacional: um estudo de eficácia da intervenção. *XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos*.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS* (2<sup>nd</sup> ed.). London: SAGE Publications.

- Fouad, N. A. (2007). Work and Vocational Psychology: Theory, Research and Applications. *Annual Review of Psychology*, 58, 543-564.
- Gushue, G. V., Clarke, C. P., Pantzer K. M., & Scanlan, K. R. (2006). Self Efficacy, Perceptions of Barriers, Vocational Identity, and the Career Exploration Behavior of Latino/a High School Students. *The Career Development Quarterly*, 54, 307-317.
- Hartung, P.J., Porfefe, E.J., & Vondracek, F.W. (2005). Child vocational development: A review and reconsideration. *Journal of Vocational Behavior*, 66, 385-419.
- Königstedt, M. (2008). *Educação e carreira. Estudo de avaliação da eficácia de uma intervenção psicológica*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Lent, R. W., Brown, S. D. & Hackett, G. (1994). Toward a unifying Social Cognitive of Career and Academic Interest, Choice and Performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45, 79-122.
- Lent, R. W., Brown, S. D. & Hackett, G. (2000). Contextual supports and barriers to career choice: A social cognitive analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 36-49.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Martins, P. C. (2004). Proteção de crianças e jovens em itinerários de risco. Representações sociais, modos e espaços. *Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho*.
- Miguel, J. P., Silva, J. T. & Pietro, G. (2012). Career Decision Self- Efficacy Scale — Short Form: A Rasch Analysis of the Portuguese Version. *Journal of Vocational Behavior*, 82, 116-123.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000). *Lares de Crianças e Jovens/Crianças e Jovens que Vivem em Lar*. Lisboa: Instituto para o Desenvolvimento Social.
- Mota, A. I. (2010). *Exploração, Dificuldades de Tomada de Decisão e Indecisão Vocacional no Ensino Básico*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Mortimer, J. T. & Shanahan, M. J. (1994). Adolescent Work Experience and Family Relationships. *Work and Occupations*, 4, 369-384.
- Nasta, K. A. (2007). *Influence of self-career efficacy beliefs on career exploration behaviors*. Tese de Mestrado. EUA: Universidade de Nova Iorque.
- Neves, M. C. (2011). *Autonomia e satisfação com a vida de jovens institucionalizados*. Dissertação de mestrado em Psicoterapia e Psicologia clínica. Instituto Superior Miguel Torga.

- Pajares, F. (2005). Self-efficacy Beliefs of Adolescents. Implications for teachers and parents. *Self-Efficacy Beliefs of Adolescents*, 15,339–367
- Prideaux, L. E., & Creed, P. A. (2001). Career maturity, career decision-making self-efficacy and career indecision: A review of the accrued evidence. *Australian Journal of Career Development*, 10, 1-22.
- Reid, H. L. (2008). Career guidance for at risk young people: Constructing a way forward. In J. A. Athanasou & R. Van ESbroeck (Eds). *International Handbook of Career Guidance* (pp. 461-485). UK: Canterby Christ Church University.
- Ribeiro, M. A. (2010). A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5, 120-130.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-64.
- Rogers, M. E., Creed, P.A., Glendon, A.I. (2008). The role of personality in adolescent career planning and exploration: A social cognitive perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 73, 132-142.
- Savickas, M. L. (2002). Reinvigorating the Study of Careers. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 381–385.
- Silva, A. D., Ribeiro, M. A. (2012). *Learning, achievement and career of institutionalized youths: Portraits of the portuguese and brazilian realities*. In M.C. Taveira, J. C. Pinto, A. D. Silva, Learning, Achievement and Career Development (pp.27-53). Braga: APDC Edições.
- Silva, A. D. & Taveira, M. C. (2011). Protocolo de avaliação de percursos de carreira de jovens em lares – PAPCJL (versão para investigação).
- Solberg, V. S., Good, G. A., & Nord, D. (1994). Career research self-efficacy: Ripe for application and intervention programming. *Journal of Career Development*, 21, 64-72.
- Super, D. (1980). A Life-Span, Life-Space Approach to Career Development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e Desenvolvimento Vocacional de Jovens: Estudo sobre as relações entre a Exploração, a Identidade e a Indecisão Vocacional*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Taveira, M. C. & Rodriguez M. (2003). Guidance theory and practice: The status of career exploration. *British Journal of Guidance and Counseling*, 2, 189-207.

- Taveira, M. C. (2004). Exploração e desenvolvimento vocacional na adolescência: contributos para uma abordagem sistemática e colaborativa. *Psicologia e Educação, 1*, 109-120.
- Taveira, M. C. (2001). Exploração Vocacional: Teoria, investigação e prática. *Psychologica, 26*, 55-77.
- Terenó, S., Soares, I., Martins, C., Celani, M., & Sampaio, D. (2007). Attachment styles, memories of parenting Reading and therapeutic bond: A study with eating disordered patients, their parents and therapists. *John Wiley & Sons, Ltd and European Eating Disorders Review*.
- Vale, I. (1997). *Participação, Adesão e Autoeficácia em diferentes atividades dos alunos do Ensino Secundário*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.